"Um pé aqui e outro lá": experiências transfronteiriças e viveres urbanos de "Brasiguaios" (Marechal Cândido Rondon/PR - 1990-2010)

"One foot on each side": cross-border experiences and the urban life of "Braziguayans" (Marechal Cândido Rondon/PR -1990-2010)

Danusa de Lourdes Guimarães da Silva
Mestre em História-UNIOESTE
guimaraesdanusa@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho busca problematizar experiências transfronteiriças e transnacionais de brasileiros que migraram para o vilarejo de Puerto Adela, no Paraguai, entre as décadas de 1970 e 1980, alguns dos "brasiguaios" como ficaram conhecidos, e que atualmente residem na cidade brasileira de Marechal Cândido Rondon, extremo Oeste do Estado do Paraná. O modo como experimentam e se relacionam no meio urbano, como lidam e atravessam as fronteiras geográficas, sociais e culturais são questões abordadas neste trabalho.
Palavras Chaves: migração, "brasiguaios", fronteiras, memórias

Abstract: This work has the objective of discussing cross-border and transnational experiences of Brazilians that migrated to the village of Puerto Adela, in Paraguay, between the decades of 1970 and 1980. Those people are known as "Braziguayans" and they are now living in the Brazilian city of Marechal Cândido Rondon, far west of the Paraná State. The issues discussed in this work are the way they experience and build relations in the urban environment,and how they deal and cross geographical, social and cultural borders issues.
Keywords: migration, "Braziguayans", borders, memories

O trabalho busca analisar deslocamentos transfronteiriços vividos por migrantes brasileiros entre as fronteiras brasileiras e paraguaias, mais precisamente entre o município brasileiro de Marechal Cândido Rondon e o distrito paraguaio de Puerto Adela. Tendo em vista as diferentes temporalidades que marcam a trajetória desses sujeitos, interessa discutir com mais profundidade o movimento mais recente de suas histórias que é o de seus retornos "definitivos" ao país, em direção a cidade.

Por essas fronteiras, os migrantes transitam permanentemente motivados por diversas circunstâncias. Muitos deles atravessam as fronteiras brasileiras visando adquirir produtos importados mais baratos, principalmente eletrônicos, em cidades paraguaias como Ciudad del Leste e Salto del Guairá. Ai se estabelece uma rede complexa envolvendo trabalho informal, exploração, contrabando, tráfico e violência. Mas o movimento aqui investigado é o daqueles que residem no Paraguai há algumas décadas e que se deslocam aos municípios brasileiros,

em busca de assistência médica, escolarização pública para os filhos, aposentadoria, trabalho e outros direitos sociais.

A intensidade e a conflituosidade que envolve tais travessias deram origem a um movimento social formado por cerca de 500[1] mil migrantes brasileiros imigrados em solo paraguaio entre as décadas de 1970 e 1980. Tais sujeitos ficaram conhecidos como "brasiguaios" que, para além de uma simples nomeação pela mídia e sociedade brasileira, tornou-se para os sujeitos envolvidos, a própria expressão política de suas reivindicações no final dos anos 80 e anos 90.

Entre os municípios paraguaios que foram ocupados, esta Puerto Adela, um pequeno distrito agrícola de Salto Del Guairá[2], capital do Departamento de Canindeyú, na porção leste do país. Segundo moradores antigos, brasileiros e paraguaios, havia entre as décadas de 1970 e 1980 mais de 10 mil habitantes na região, contando com outros vilarejos ligados a Puerto Adela. Atualmente, segundo eles, pelo número intenso de retorno dos brasileiros, o vilarejo não abriga mais do que mil habitantes.[3] Em entrevista com o senhor Francisco Sarubi[4] - juiz de Paz em Puerto Adela desde 1956 e um dos responsáveis pela distribuição e encaminhamento dos imigrantes na época –, ele afirmou que em 1980, período mais intenso dos deslocamentos, chegavam em média cinco famílias por semana para se estabelecerem na região e, às vezes, nem ao menos conheciam ou sabiam que lote de terra iriam ocupar. Além disso, o entrevistado ponderou que uma única colonizadora na região, para se ter uma ideia do número de migrantes, foi dividida em 5.500 propriedades na década de 1980.

No entanto, os anos que seguiram a 1980 foram marcados pelo intenso retorno desses brasileiros motivados, entre outras razões, pelo processo histórico na região, de substituição da produção da menta pela da soja. Esse era o momento em que chegavam pessoas interessadas em grandes quantias de terra para a produção de soja. Frente a isso, as colonizadoras da região passaram a pressionar os posseiros a adquirirem as propriedades. Nesse movimento, muitos não tinham condições financeiras para adquiri-las e foram desapropriados.

[1] Não há dados estatísticos precisos acerca do número de migrantes, pois, nenhum dos países envolvidos se preocupou em registrar a saída/entrada desses sujeitos.
[2] A cidade de Salto Del Guaira, nos últimos tempos, tem investido na comercialização de produtos. Mas, não é o caso dos seus Distritos, como Puerto Adela, que vivem sobretudo da agricultura.
[3] Há uma grande dificuldade em quantificar esses números. As informações sempre são relativas ao Departamento de Canindeyú. O vilarejo em específico é praticamente desconhecido no país. O que temos são dados imprecisos indicados pela própria população.
[4] SARUBI, Francisco. Entrevista concedida a Danusa de Lourdes Guimaraes da Silva. Puerto Adela, 2008.

Havia também o fato desses agricultores não terem conseguido acompanhar as mudanças e os novos métodos de trabalho no campo. Nesses casos, vendiam suas terras a grandes fazendeiros, em prazos longos e a preços baixos. Contudo, as propriedades, em mãos desses sujeitos e com sucessivas boas safras, valorizaram e o que não pagaram nem R$ 2 mil, hoje vale R$ 45 mil, o alqueire. Em relação a esse movimento, Márcia Sprandel pondera:

> A soma destas dificuldades configurou para os chamados brasiguaios um novo processo de expropriação, que teria levado à sua "expulsão" do território paraguaio. Apresentando os motivos de seus deslocamentos, buscaram justificar a formação do acampamento. Ao governo brasileiro, exigiram o cumprimento de promessas referentes à realização de uma reforma agrária, da qual se consideravam beneficiários em potencial. (SPRANDEL, 2006)

Muito destes, como bem coloca Sprandel, foram acolhidos e passaram a constituir o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Brasil (MST). No movimento esperavam, mais uma vez, conseguir terra em território brasileiro. Esse processo teve grande repercussão na mídia, bem como pelas pastorais e entidades de apoio que desencadearam debates acerca das condições sociais vividas por esses sujeitos.

É nesse contexto que surge o termo "brasiguaio" para identificar as experiências de retorno via MST. O termo foi a expressão e bandeira de luta dos migrantes e também assim foram representados pela imprensa, que levou a situação vivida por eles ao conhecimento de todo o país.[5] Muitos deles venderam ou entregaram seus bens adquiridos, ou simplesmente foram perdidos na própria migração, e se lançaram com a certeza de que seria o melhor ou único caminho para conseguirem ser pequenos proprietários em solo brasileiro.

Houve também um movimento importante em direção às cidades brasileiras, principalmente, para aquelas que ficam próximas ao Paraguai, como é o caso dos municípios do Oeste do Paraná. Esse caminho vem sendo constituído por famílias que venderam seus bens e com o dinheiro conseguiram comprar uma casa, uma chácara ou um pequeno lote urbano no Brasil. E também foi feito por aqueles que arrendaram suas pequenas propriedades de terra e passaram a residir em território brasileiro. Contudo, há ainda o caso de muitos que

[5] Ver: SONDA, Valdemir José. *A emigração brasileira para Naranjal – Alto Paraná Paraguai -(1973-1995) – Um estudo de caso*. Niterói, Dissertação de Mestrado, defendida em 2003 e *Os brasiguaios nos caminhos e descaminhos da fronteira.* Marechal Cândido Rondon/PR, Trabalho de Conclusão de Curso, defendida em 1996. SALES, Teresa; BAENINGER, Rosana. Migrações internas e internacionais no Brasil: panorama deste século. In: *Travessia: Revista do migrante.* São Paulo, CEM, nº 36, janeiro-abril de 2000.

retornam ao país vivendo a pobreza, a precariedade e o desafio de recomeçar a vida depois de vários deslocamentos.

A cidade de Marechal Cândido Rondon está localizada na porção Oeste do Estado do Paraná e integra um conjunto de municípios que fazem fronteira com o Paraguai. Entre eles estão Foz do Iguaçu, Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguaçu, Itaipulândia, Missal, Santa Helena, Entre Rios do Oeste, Pato Bragado, Mercedes e Guaíra. Os Distritos de Bom Jardim, Iguiporã, Margarida, Novo Horizonte, Novo Três Passos, Porto Mendes e São Roque também vêm recebendo muitos dos migrantes que vem retornado, principalmente Porto Mendes, local em que está o porto por onde embarcam e desembarcam cotidianamente. Atualmente, a população rondonense, segundo dados do IBGE/2007, é de 44.572. A economia é composta basicamente pela agricultura e setores agro-industriais, como frigoríficos, cooperativas industriais e fábricas que foram se instalando na cidade nas últimas décadas, com o apoio do governo municipal, com o objetivo de desenvolver e criar mais empregos na região[6] e cuja promessa, inclusive, vem estimulando o retorno dos "brasiguaios".

Embora o trabalho busque pensar o movimento mais recente de retorno desses brasileiros ao país, mais especificamente para o viver urbano de Marechal Cândido Rondon, ele acaba discutindo transversalmente dimensões de suas vivências passadas por essas fronteiras. A reflexão foi necessária, na medida em que muitos deles, ao narrarem suas vivências na cidade, buscaram em seus deslocamentos passados (re)elaborações, (re)significações e outros elementos simbólicos que explicassem e justificassem suas atuais presenças no urbano.

Por vezes, essas dimensões nem eram tomadas como passadas, mas como uma realidade presente, na medida em que foram demonstrando que parte deles ainda mantém vínculos e relações com o país do qual retornaram. Nesse sentido, há casos em que não há uma ruptura precisa entre a trajetória vivida no Paraguai e a vivida no Brasil, pois trata-se de experiências acontecidas num entre-lugar. A interlocução entre o tempo passado e o tempo presente narrados pelos sujeitos foi o que possibilitou compreender com mais profundidade os modos como eles significam suas lutas por pertencimentos e permanências na cidade e, de igual modo, também as experimentadas no Paraguai.

Nessa direção, as contribuições do crítico literário Hommi Bhabha ajudaram a compreender melhor tais dinâmicas numa interlocução mais viva entre o passado e o presente.

[6] Para aprofundar a questão ver: CARVALHAL, Marcelo Dornelis. O emprego em Marechal Cândido Rondon/PR na dinâmica geográfica do capital. In: *Revista Pegada*, vol. 8, nº 01.

Para o autor, os entre-lugares são meios, estratégias e possibilidades de atuação em realidades marcadas pela transitoriedade social e geográfica, como é o caso dos movimentos migratórios. Nas palavras do próprio autor:

> O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o "novo" que não seja parte do *continuum* de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um 'entre-lugar' contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O passado e presente tornam-se parte da necessidade, e da nostalgia, de viver. (BHABHA, 1998, p. 27)

Por esses espaços fronteiriços, esta a busca desses migrantes por identidades, territorialidades e pertencimento social. Tais valores, por vezes, são reivindicados para além de uma pertença brasileira e suas lutas parecem revelar o desejo pelo *entre lugar* e/ou *entre fronteiras nacionais*. O modo como se inserem e se impõem nesses espaços, seja individual ou coletivamente, frente a sociedade brasileira de um lado e a paraguaia de outro, são vestígios da busca incessante pela sobrevivência social, ainda que pelas margens, como é o caso da maioria desses sujeitos.

Os *entre lugares* nos quais os migrantes vivem não são uma opção, mas são o possível no interior e à frente das necessidades e correlações de forças vigentes em seus meios. São desses *entre lugares* também que falam e encontram meios de enfrentar o "novo" que a cidade inspira e ao mesmo tempo impõe.

Desses deslocamentos que se fazem transfronteiriços surge uma paisagem híbrida, composta por múltiplas trajetórias individuais e coletivas, marcadas por intensas dinâmicas socioculturais de luta por sobrevivência e pertencimentos sociais. Nessa direção, a História Oral, como método e perspectiva de investigação, foi uma importante ferramenta que possibilitou apreender, a partir da produção dos testemunhos de vida, dimensões e práticas que muitas vezes escapam às outras formas de registro da vida social. Os relatos orais foram fundamentais ao serem confrontados com outras narrativas e interpretações de fontes diversas, como meio de adentrar e perceber os fios e interstícios que compõem a trama vivida nos limites das fronteiras.

O objetivo desde o início da pesquisa foi o de apreender a fronteira sendo praticada[7] pelos sujeitos que a percorrem cotidianamente no tempo. Nesse sentido, ela não representa

[7]Este termo é usado por: MARTINS, José de Souza. *Fronteira, a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2ª edição, 2009.

uma simples delimitação territorial ou geopolítica nacional, mas sim uma paisagem atravessada e ultrapassada constantemente. Do mesmo modo, o deslocamento migratório desses homens e mulheres é entendido a partir de práticas interrelacionadas que se fazem ao mesmo tempo transformando e sendo transformadas frente às políticas nacionais. Estas que buscam definir e conter esse espaço transfronteiriço, que é por sua vez, plural e contraditório.

Tais práticas empreendidas reconstituem e desconcertam cotidianamente os sentidos fixos e compartilhados em torno da ideia de nação, terra natal e/ou território nacional, enquanto elementos que permeiam e significam as reais relações sociais. É preciso dizer que não se nega a existência de um "apego" ao nacional por essas pessoas. Chamo atenção para o fato de que sobreviver entre duas fronteiras significa, antes de tudo, pautar identidades em outros termos, como o de se identificar e/ou negociar com os dois universos culturais desses países, constituindo laços e redes que os possibilitam permanecer e pertencer aos "dois" territórios.

A essas dinâmicas culturais Stuart Hall discorre que: "em condições diaspóricas, as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas" (HALL, 2003, p.73). No caso dos "brasiguaios", não se trata de uma diáspora, como Hall observa em suas pesquisas, mas de um movimento migracional em que tais sentidos também se (re)fazem culturalmente.

A noção de retorno, portanto, não esta sendo tomada como um processo fixo e definitivo. Pois, há uma quantidade significativa de pessoas que retornaram ao Brasil, mas também há casos, em que elas também novamente regressaram ao Paraguai. Nesse contexto, a noção de "apego" a terra natal também teve de ser relativizada, na medida em que os relatos demonstraram que os retornos não são motivados necessariamente pelo caráter afetivo e tradicional que envolve a "identidade brasileira". Mas apontam que os sentidos atribuídos à terra natal, às identidades nacionais, são sempre processos socioculturais perturbadores para eles. As tradições culturais, nesse sentido, não são imutáveis, mas passíveis de (re)elaborações face os contatos e circunstâncias vividas. Para Stuart Hall:

> [...] A tradição funciona, em geral, menos como doutrina do que como repertórios de significados. Cada vez mais os indivíduos recorrem a esses vínculos e estruturas nas quais se inscrevem para dar sentido ao mundo, sem serem rigorosamente atados a eles em cada detalhe de sua experiência. Eles fazem parte de uma relação dialógica mais ampla com o "outro". (HALL, 2003, p.70)

Tais migrantes aprenderam com o tempo a negociar e ao mesmo tempo se imporem frente aos embates vividos e que pressionam seus modos de vida nessa fronteira. Nessa direção, aqueles com quem dialoguei se revelaram sujeitos políticos, diferentes daqueles que, às vezes, são apresentados como sendo meramente vítimas de um sistema socialmente desigual.

A vinda para a cidade pode ser um sonho. Mas, também pode ser motivada por várias carências encontradas no meio rural paraguaio em que os sujeitos viviam. A falta de empregos para os que necessitam trabalhar como diaristas e empreiteiros, o desejo de oferecer aos filhos a escolarização, bem como a falta de atendimento médico, foram as dificuldades mais apresentadas pelos depoentes.

Nessa direção, para homens e mulheres que vivem em grupos familiares, por exemplo, Marechal Cândido Rondon foi visualizada como um espaço que proporcionaria aos filhos escolarização e, no futuro, uma profissão. Essas crianças já pertencem, em grande parte, à terceira geração de "brasiguaios". São filhos de migrantes que nasceram no Paraguai ou foram com os pais quando ainda eram pequenos. A segunda geração, na maioria das vezes, é composta por sujeitos que não foram alfabetizados ou não completaram o ensino básico até a 4ª série. Esse é um dado importante na medida em que a falta de escolaridade foi apontada por eles como sendo o fator que os leva a ter que suportar as carências encontradas na cidade.

Diante disso, os migrantes manifestaram o desejo de que seus filhos concluíssem o ensino médio e seguissem adiante num curso superior. Ter uma profissão, uma formação, foi colocado por todos como sendo substancial para que os filhos possam desfrutar de uma vida mais estável economicamente e sem migrações. Em relação a esse desejo, a entrevistada Serenita diz: "Eu pensei: 'não, eu vou embora pra dar estudo pros meus filhos'. Porque eu não pude ter estudo. Eu pensava que a melhor coisa que você tem pra dar pra um filho é o estudo". (CAMARGO, 2008)

A necessidade de propiciar uma estabilidade para os filhos é reflexo da luta incessante desses sujeitos pelas fronteiras. Essa estabilidade significa, muitas vezes, apenas ter uma profissão, uma renda e um lugar estável para a família viver. Na cidade, muitos precisam aprender novos ofícios, o que no mercado formal torna-se difícil, tendo em vista a idade e, principalmente, a falta de escolarização, exigidos como requisitos mínimos na competitividade por trabalho. É no mercado informal que parecem encontrar mais espaço para se manterem no espaço citadino. Mas, essa permanência está sempre ameaçada, a cada mês,

na medida em que não conseguem adquirir proventos suficientes para a subsistência familiar, o que os levaria novamente ao Paraguai.

Ao narrar tal desejo, muitos deles expressaram certo ressentimento em relação aos pais e as suas escolhas, por terem seguido o caminho da migração, deixando-os sem estudos. Diante desses sentimentos, eles parecem projetar aos filhos os seus anseios, o que consideram ser o meio mais "adequado" para se trilhar caminhos opostos aos seus, vida afora, na busca incessante por um espaço digno de se viver.

Em relação à expectativa, perguntei a Valdecir o que ele pensava que a escolarização traria para o futuro dos filhos, tendo em vista que mesmos os "estudados" também encontram dificuldades para ingressar no mercado de trabalho. Depois de pensar um pouco, respondeu:

> Se você tem estudo, não vou dizer assim que não sofre. Só que desde você chegar e pedir um emprego... Não é que a gente se sente descriminado, mas ao mesmo tempo, a gente fica sem aquela vontade de... chegar e dizer: "eu quero emprego!". A primeira coisa que vão pedir no caso: "qual é o grau que você estudou?". "Não, eu nunca estudei". "Então, vá quebrar pedra!". (ZANCHETTA, 2010)

O depoente afirmou ter estudado até a 3ª série do ensino básico, antes de migrar para o Paraguai. Mas, logo depois, disse ter apenas seis anos quando migrou. Frente a isso, percebi que não teria dado tempo, pela idade declarada, de chegar a cursar a 3ª série. Posso considerar que ele tenha se confundido, mas pode haver também certo constrangimento em declarar que havia feito apenas a 1ª ou, até mesmo, nenhuma série.

Além disso, no depoimento acima, ele fala em discriminação aqueles que não estudaram ou tiveram pouco estudo. Embora a formação profissional não seja a garantia de uma vida bem sucedida, no escopo das relações contemporâneas ela confere certa estabilidade, que o entrevistado alega não possuir. No entanto, essa carência não imobilizou o entrevistado. Ao contrário, os "brasiguaios" possuem várias estratégias de luta visando a sobrevivência social, mesmo que para isso tenham que atuar pelas brechas possíveis, como pertencer ao mercado informal e viver instavelmente entre as fronteiras. João Fernandes, por exemplo, ainda vive no vilarejo e afirma se sentir triste por não poder viabilizar estudo aos filhos:

> É... pelo menos que eles aprendessem enxergar... vê as coisas, fazer um negócio mais diferente. Quem tem estudo fica mais fácil. Então, porque hoje em dia, a roça não tá fácil. Um dia você pode pegar emprego. Mas daí não tem estudo. Daí tem que fazer que nem eu, tem que trabalhá na roça. E acha

> uma terra pra plantá que cada vez tá ficando mais difícil. Daí o meu sonho é ensiná esses aí. (Gonçalves, 2007)

A necessidade de vir para o município brasileiro em busca de escolarização para os filhos se dá pelo fato, segundo os migrantes, do ensino no vilarejo paraguaio ter apenas o ensino fundamental e, ainda assim, ineficiente. Além do mais, como apontado, o deslocamento intenso e contínuo dos migrantes para o Brasil tem inviabilizado a manutenção das escolas, que acabam fechando por não receberem alunos suficientes. Isso dificulta ainda mais a vida das famílias que ainda residem no vilarejo paraguaio.

Mas, a cidade pode também significar a continuidade de uma luta, principalmente para os que já não encontram trabalho ou meios necessários para continuar vivendo do campo, em terra própria, arrendada ou como agregado no Paraguai. Esse é o caso de pequenos proprietários e outros trabalhadores que viviam como bóias-frias ou diaristas em propriedades de grande extensão no país vizinho.

João Fernandes, por exemplo, ainda não migrou para o Brasil. Ele mora num vilarejo próximo a Puerto Adela, tem dois alqueires de terra em que planta soja. Um dos filhos trabalha durante a semana em Porto Mendes, no Brasil, e retorna nos finais de semana para casa. Atualmente, ele planeja migrar para a cidade, mas "quando sair tem que sair firme". Enquanto isso, ele vem sondando e comparando as possibilidades de um lado e de outro da fronteira:

> A gente trabalha, vai fazendo empreitada. Mas isso é um preço toda vida meio baixo, não compensa. Pra ir trabalhar por dia também não compensa, se comparar com o Brasil em que a gente trabalha em real. Aqui o guarani caiu, não tá valendo quase nada. Ó, a diária aí hoje, oito horas por dia, está na faixa de quarenta, trinta e cinco mil [guaranis]. Isso é pra roçar, carpir, qualquer coisa aí, soja, qualquer coisa que vai fazer, a diária é essa. Só que enquanto no Brasil é pago vinte e cinco real, aqui a gente ganha nessa faixa. Veja bem quanto vale contra vinte e cinco real! (GONÇALVEZ, 2007)

Essa é uma avaliação compartilhada por muitos dos entrevistados. A diferença de preço de uma diária entre um lado e outro é substancial. Trinta ou quarenta mil guaranis, quando convertidos em moeda brasileira, não chega ser quinze ou vinte reais. Enquanto que trabalhando no Brasil eles conseguem vinte e cinco reais que se convertido para a moeda paraguaia corresponderia a mais de cinquenta mil guaranis. Para eles, trata-se de uma diferença considerável e tem grande peso na decisão de migrarem.

Há também os sujeitos que não podem mais cultivar suas terras. É o caso de pequenos proprietários que não detêm equipamentos e condições materiais para financiar a produção agrícola, nos termos da agricultura comercial atualmente praticada naquele lugar. Para os trabalhadores que não possuem terras, existe a falta de serviço, que vem diminuindo cada vez mais com a concentração fundiária. Em relação a isso, João Fernandes afirma: "então, se torna uma dificuldade pra pessoa. Pra trabalhar por dia ou pra empreitada, não sai ganhando quase nada, mais... quem precisa, por pouco, por mais, tem que trabalhar. Então, tem que se virar, se submeter". (GONÇALVES, 2007)

Esse processo de produção, ao ser cada vez mais mecanizado, acaba reduzindo o número de contratados e exigindo um trabalho qualificado e informatizado que esses sujeitos alegam não possuir. Dessa forma, os migrantes e seus filhos, que há décadas vivem da lida com a terra, são aos poucos obrigados a buscarem novos espaços de trabalho. Esta dimensão marca com relativa intensidade a suas vidas, pois passam a buscar na cidade outros ofícios como meio de sobrevivência.

A vinda para a cidade não encerra para essas pessoas uma vida de deslocamentos. Caso essa experiência não venha a ser bem sucedida, voltar ao Paraguai ou migrar para outras frentes de ocupação é sempre latente. O que sinaliza mais uma dimensão indeterminada, incerta e insegura, não significando a conclusão, mas sim a continuação de uma luta por um lugar na sociedade.

Existe uma rede de relações e sociabilidades que sustenta esse movimento. Mais do que simplesmente imagens e ideias, elas são vividas concretamente, na medida em que vão conquistando seus espaços citadinos. A vinda desses migrantes para o município vem sendo vivida em rede social. Uns vão trazendo outros, são experiências socialmente compartilhadas. Esta é uma prática cultivada ao longo dos deslocamentos pelas fronteiras em meio às dificuldades encontradas pelo caminho. Tal dimensão surgiu espontaneamente em todos os relatos produzidos. Margarete, por exemplo, que reside em Marechal Cândido Rondon desde a década de 1990, expressa como os conhecidos foram chegando à cidade:

> Fomos trazendo, de pouco a pouco, as outras [risos]. E hoje, olha só Porto Mendes e Rondon, é só brasileiros, brasiguaios que vêm de lá pra cá. É aquela intercambiação, um vai pra lá e outro vem pra cá. Só que ultimamente tem mais que vem de lá pra cá do que indo de cá pra lá.(MALLMANN, 2009)

A prática em que "um traz o outro" tem uma historicidade que ultrapassa as vindas para a cidade. Ela foi forjada há décadas quando encontraram "um no outro" a força para suportar as dificuldades, os valores, as culturas diferentes encontradas no país vizinho. Essa união é retomada na vinda para o município e ela cumpre, assim como no passado, a função de uma inserção coletiva que parece abrandar as tensões e os aprendizados colocados pelos deslocamentos.

Segundo os relatos, aqueles que haviam deixado o país retornavam para passear e/ou buscar a família e nesse mesmo movimento levavam junto dezenas de outras famílias. Havia o argumento de que no Paraguai a terra era farta e barata, bem como enalteciam "a boa receptividade" dos paraguaios para com os brasileiros. Margarete narra as expectativas que moveram seus pais a emigrar para o Paraguai naquela época:

> Danusa: E o que vocês buscavam no Paraguai?
> Margarete: Ah, melhoria, melhoria, qualidade de vida. Porque onde nós morava em Três Barras, não dava mais, as coisas assim, não dava mais assim, não produzia mais como no tempo passado. E daí tem aquela... Ah, porque no Paraguai é plano e no Paraguai não tem pedra, não tem morro, não tem isso e não tem aquilo.
> Danusa: Quem dizia isso?
> Margarete: O pessoal que vinha do Paraguai pro Brasil. E daí a gente colocou aquilo na cabeça e daí o meu irmão veio pra conhecer e, acho que depois que o meu irmão veio, acho que demorou um ano e pouco. Daí veio um outro irmão, levou até a minha irmã junto e daí logo nós viemos atrás, uns quatro, cinco meses depois, nós viemos.(MALLMANN, 2009)

O relato de Margarete articula uma interrelação entre experiências de deslocamentos entre fronteiras físicas e imaginadas, seja de uma nacionalidade para a outra, ou então do campo para a cidade. A busca por "melhorar a qualidade de vida" sustenta as várias idas e voltas que os sujeitos fazem. Dessa vez, em direção ao espaço citadino.

A presença de migrantes no urbano tem se constituído a partir de incessantes lutas em relação ao trabalho, equipamentos urbanos, direitos sociais e sociabilidades na cidade. É possível identificar a constituição de territórios e redes entre eles como meio de conhecer, enfrentar e se inserir no espaço, muitas vezes estranha às suas práticas, valores e costumes. Tratam-se, nas palavras de Antonio Arantes de *territórios flexíveis,* nos quais os sujeitos se reconhecem a partir de um conjunto de experiências coletivas, no sentido de conquistarem, ainda que nas margens, um lugar na sociedade. (ARANTES, 2000, p.107)

Os relatos parecem evidenciar que pertencer a determinados territórios são formas e estratégias desses sujeitos se legitimarem e buscarem garantir seus pertencimentos nos espaços em disputas ao longo do tempo.

Nessa direção, o loteamento Independente, pertencente ao bairro Vila Gaúcha, em Marechal Cândido Rondon, por exemplo, tem sido um desses lugares procurados por "brasiguaios" para viverem próximos uns dos outros. Nesse bairro, havia no momento da produção das entrevistas cinco famílias que, em casa própria ou alugada, vieram do Paraguai em tempos diferentes. Isso levou os demais moradores, segundo os entrevistados, a nomearem o espaço como sendo o bairro dos "brasiguaios".

Interessada em apreender as razões desse agrupamento, perguntei a Serenita por que escolheu viver no bairro, já que ela tinha a possibilidade de residir em outros espaços, inclusive mais próximos do centro e, ela respondeu: "Ele [o proprietário da casa] já quis dar preferência pra mim morar lá. Porque ele já sabia que eu tava vindo do Paraguai. E sabia que era conhecido. E lá é um bairro que o pessoal é quase tudo do Paraguai". Diante disso, indaguei se o fato de haver famílias conhecidas tinha sido um elemento relevante na sua escolha por aquele bairro e o porquê disso ser importante para ela. Depois de pensar um pouco, assim respondeu: "pra continuar o mesmo ambiente que a gente tá acostumada a viver, vamos levando todo mundo junto". (CAMARGO, 2008)

A inserção citadina vivenciada em grupos é um elemento comum entre os movimentos migratórios e parece influenciar diretamente, no caso dos "brasiguaios", a forma como se integram no urbano. No passado, a ida para o país vizinho em grupo se fez necessária como forma de imporem suas presenças frente aos paraguaios e suportarem as adversidades, num território que, do ponto de vista dos limites nacionais, não pertencia aos brasileiros.

Essas famílias brasileiras em território paraguaio buscaram coletivamente justificar suas estadias no país reafirmando que a política paraguaia do momento incentivava suas idas por acreditar que os trabalhadores brasileiros iriam desenvolver o setor agrícola do país. É com essa missão, como bons trabalhadores que levariam o desenvolvimento ao país, que esses migrantes adentraram no país vizinho. Parece-me que é com essa postura que eles vêm se colocando frente aos paraguaios. E é a partir desse mesmo "lugar" que eles se afirmam, interagem e negociam seus valores e suas referências culturais ao longo do tempo.

É interessante observar a questão em detalhes, pois é com essa mesma justificativa, a de bons trabalhadores, que os "brasiguaios" vão buscar se inserir nos espaços de trabalho

frente aos demais trabalhadores, agora estando na cidade. Valdecir Zanchetta, por exemplo, um pedreiro que vive na cidade desde a década de 1990, diz: "O pessoal que vem de lá do Paraguai vem com vontade de trabalhar. Você pegar piazão aqui da cidade é tempo perdido. É daqueles que só querem cumprir o horário, chegou seis horas, já querem ir embora. A pessoa que já vem do Paraguai, ela vem pra trabalhar mesmo, não tem preguiça." (ZANCHETA, 2010)

Na cidade, eles encontram situações adversas e distintas das que viviam no Paraguai. Tais realidades são também fronteiras que precisam cruzar. Nesse sentido, a convivência com iguais num mesmo bairro parece abrandar a travessia. Os primeiros a chegarem podem ter conhecimentos e experiências que encurtam ou amenizam a travessia para aqueles recém chegados.

Entretanto, a questão das redes e sociabilidades citadinas merece uma atenção especial na medida em que ela também precisa ser relativizada. As relações entre "brasiguaios" não são harmônicas, mas parece haver uma correlação de força entre eles, como forma de se inserirem no urbano. Essas relações são vividas imbricadamente e, como nos sugere Arantes:

> [...] mais do que territórios complementares e bem delimitados por fronteiras simbólicas de traçado inequívoco, essas configurações podem ser entendidas como zonas de contato. [...] em que os lugares sociais assim constituídos não estão simplesmente justapostos uns aos outros, como se formassem um gigantesco e harmonioso mosaico. A meu ver, eles se superpõem e entrecruzam-se de forma complexa.(ARANTES, 2000, p.107)

Dessa forma, é preciso cuidado. As sociabilidades brasiguaias devem ser entendidas a partir dos seus movimentos dinâmicos de inserção na cidade, localizadas numa temporalidade específica. Pois, talvez daqui a alguns anos, essa prática já não exista mais entre eles ou ela tenha sido reelaborada. Mas, interessada em compreender as dinâmicas constituídas em torno das sociabilidades, perguntei a Serenita como aconteciam os contatos e os vínculos entre vizinhos "brasiguaios":

> Eu acho que assim. Que nem um vem de lá. Tipo, a gente vê que é sofrido, que precisa vir embora. Vai ajeitando um lugarzinho perto. Se tem lá uma casinha vaga, o pessoal vai indicando. E foi assim que todo mundo foi se amontoando naquele lugar. Porque lá, naquela rua mesmo que eu moro ali, eu acho que deve ter umas quantas famílias, tipo: umas oito famílias, mais, que é do Paraguai lá. Tudo mora lá.(CAMARGO, 2008)

A prática de ajeitar um "lugarzinho" próximo aos conhecidos que já estão há mais tempo na cidade parece cumprir uma função importante na inserção citadina. O próprio diminutivo "lugarzinho" parece apontar para as adversidades encontradas pelos recém chegados. Este não encontra um lugar, mas um "lugarzinho", arrumado pelos demais. Toda a mudança terá que ser vivido pelo próprio migrante. Mas, o conhecimento e a ajuda dos colegas facilitam a fixação urbana. E viver a cidade significa para eles encontrar um emprego, escola para os filhos, além do sonho de construir suas próprias casas. Mais do que "levar todo mundo junto", portanto, a entrevistada parece deixar transparecer certas carências e limites dessa inserção que se faz "possível" para os sujeitos.

As sociabilidades estão presentes em todos os espaços: na busca pelo emprego e pela moradia. Foi possível também perceber a existência de grupos de trabalho na área da construção civil. O ofício de pedreiro tem sido uma das possibilidades de emprego para os migrantes. A maioria vem para a cidade sem conhecer o ofício, mas a fixação urbana depende do aprendizado que de alguma maneira provoca a reordenação cultural, nesse caso, das relações de trabalho. Valdecir é um dos sujeitos que precisou aprender a ser pedreiro. Ele já é residente há mais tempo na cidade. Em relação ao pessoal que com ele trabalha quando consegue uma casa para construir, explicou: "Só que hoje, hoje que eu tenho mais conhecimento do pessoal daqui, se chegar alguém pedir serviço e dizer que veio do Paraguai, 100% eu dou serviço, porque eu sei que o pessoal que vem de lá, vem com vontade de trabalhar".(ZANCHETA, 2010)

Essa "vontade de trabalhar" seria uma das qualidades que os entrevistados afirmam possuir e que foi enfatizada por todos. Talvez, essa forma de se posicionar seja uma das justificativas encontradas para legitimarem suas presenças disputando campo de trabalho com os demais pedreiros. Para Valdecir, por exemplo, o trabalho que realiza como pedreiro é leve se comparado com a lida pesada da roça no Paraguai:

> Hoje, no caso, o serviço que eu tenho hoje, que muitos falam que é um serviço mais pesado, como o de pedreiro, pra quem viveu o que eu vivi na época dos dez anos até os vinte cinco, trinta anos. Eu acho que esse serviço de pedreiro é a coisa mais leve que tem, não tem serviço pesado. É você que tem que ter um pouco mais de dedicação, vê como é que é... mais pesado? Pra quem acostumou a trabalhar no cabo do arado é serviço leve!(ZANCHETA, 2010)

Ele migrou para a cidade em 1993 com sua família e três filhos. A esposa, segundo informou, durante todo esse tempo trabalhou como empregada doméstica em apenas dois

lugares. Ele teria aprendido o ofício de pedreiro e hoje é um mestre de obras. Ao chegar à cidade, precisou aprender a ser pedreiro e afirmou ter sabido que sua permanência dependia dele também ser honesto e em "mostrar" serviço. Essa característica de seu trabalho o levaria a construir uma rede de referências:

> Porque se chega alguém e fala, "quem que fez?", a pessoa vai te falar: "foi o Nenê". É coisa pequena, mas ao mesmo tempo, se transforma grande porque eu acho que é uma satisfação pra gente, você chegar pedindo uma informação ou pedir uma referência: "não, pode pegar porque é cara que trabalha!". A gente tem que valorizar um pouco o nosso trabalho. (ZANCHETA, 2010)

Esse parece ser o modo como Valdecir buscou sua inserção. Para ele, as boas relações, os vínculos que foi estabelecendo entre os moradores, foram fundamentais para a sua inserção citadina. Mas a postura não era apenas visando conseguir trabalho, mas é o próprio meio que ele encontrou para justificar o seu direito à cidade.

Neste trabalho buscou-se pensar a inserção de "brasiguaios" em Marechal Cândido Rondon a partir dos seus próprios relatos, observando o modo como lidam com os desafios que a cidade lhes impõe, suas estratégias de luta e pertencimentos. Assim, procurou mostrar a multiplicidade de sentidos e significados que o urbano parece assumir para os migrantes ao criar expectativas e ao vivê-la em sua plenitude, em seus diferentes espaços, como os de trabalho, moradia e direitos sociais. Evidenciou também a construção de redes e sociabilidades entre esses homens e mulheres como meio de poderem se inserir e enfrentar as muitas fronteiras que ainda precisam atravessar em suas trajetórias.

Referências

ARANTES, Antonio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, p. 107.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 27.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2003, p.73

SPRANDEL, Marcia Anita. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. In: *Estudos Avançados*, nº 20, 2006.

Entrevistas

CAMARGO, Serenita. *Entrevista concedida a Danusa de Lourdes Guimarães da Silva*. Marechal Cândido Rondon, 2008.

GONÇALVES, João Fernandes. *Entrevista concedida a Danusa de Lourdes Guimarães da Silva*. Carapã: 24 de janeiro de 2007.

MALMANN, Margarete. *Entrevista concedida a Danusa de Lourdes Guimarães da Silva*. Marechal Cândido Rondon, 2009.

ZANCHETA, Valdecir. *Entrevista concedida a Danusa de Lourdes Guimarães da Silva*. Marechal Cândido Rondon, 2010.